

# Ocupando os editoriais: representações do MST no Jornal Diário da Manhã no Oeste Catarinense (1985 – 1989)

## *Occupying the editorial: representations of MST in the newspaper Daily Morning in Western Santa Catarina (1985 - 1989)*

Douglas Satirio da Rocha<sup>1</sup>

Vicente Neves da Silva Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca identificar e compreender, as representações sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST no oeste de Santa Catarina, através do jornal Diário da Manhã nos anos de 1985 a 1989. Por meio da seleção e análise das notícias que citaram o MST, o presente texto destaca elementos de uma produção de imagens e sentidos presentes na escrita jornalística, de modo que, os eventos relacionados ao MST ultrapassam a linearidade e narrativa dos fatos diários passando a ser também um tema dos editoriais marcados por interesses, opiniões e sobre tudo representações.

**Palavras-chave:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, representação, Oeste Catarinense.

**Abstract:** This article seeks to identify and understand the representations of the Movement of Landless Rural Workers – MST in western Santa Catarina, through the newspaper Daily Morning in the years 1985-1989. Through selection and analysis of the news that cited the MST, this paper highlights elements of a production of images and meanings present in journalistic writing, so that the events related to MST exceed the linearity and narrative of daily events becoming also a topic of interest marked by editorials, opinions about everything and representations.

**Keywords:** Movement of Landless Rural Workers, representation, west of Santa Catarina (Brazil).

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó (2009). Pós-graduado (Lato Sensu) em História Regional pela Universidade Federal da Fronteira Sul. (2013). Documentalista da Unochapecó. E-mail: douglaz@unochapeco.edu.br

<sup>2</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: vicente@uffs.edu.br

## **Introdução**

No oeste<sup>3</sup> catarinense, assim como em outros lugares, a imprensa colaborou na construção e divulgação de um ideal de região, delimitando suas características culturais/econômicas e projetando objetivos futuros de determinados indivíduos e grupos.

A imprensa tem um papel fundamental para a constituição e consolidação de uma identidade regional e, por consequência, de uma história da região. Da mesma forma, os interesses dos grupos que estavam e ainda estão à frente dos projetos de sociedade, repercutem e se propagam por intermédio dos conteúdos mediados pela imprensa.

Podemos afirmar que a imprensa, à sua maneira e com suas intencionalidades, contribuiu para o processo de construção e legitimação desta região, atribuindo significado a um mundo social, que em sua maioria não era – e ainda não é – partilhado por todos.

Suas imagens, ideias e seus conceitos, fazem parte de uma parcela da população, deixando de fora as representações que outros grupos construíram ao longo de sua trajetória e que não puderam partilhar, fazendo da região, espelho de seus objetivos econômicos e políticos. Se hoje temos uma imagem sobre o que é o oeste de Santa Catarina, esta compreensão tem suas raízes nas formas como este espaço foi concebido no passado.

Desta maneira, muitos dos símbolos e tradições difundidos no passado a exaltar uma história de ruptura<sup>4</sup> e progresso, bem como um modelo de sociedade ideal, provocaram também um processo de silenciamento de outros elementos, como é o caso da presença e história das lutas camponesas neste espaço.

---

<sup>3</sup> A configuração do atual desenho do oeste catarinense é resultante de inúmeras disputas de fronteiras. Brasil e Argentina disputaram estas terras e na sequência Paraná e Santa Catarina também discutiram suas fronteiras, resolvendo a questão em 1917 ao final também da chamada Guerra do Contestado. No acordo de limites firmado em 1917 entre os dois estados, são delineados os atuais contornos, utilizando-se principalmente das fronteiras naturais, no Rio do Peixe, Uruguai ao Peperi-Guaçú.

<sup>4</sup> A colonização do início do século XX significou um marco para os povos que no oeste vieram habitar, representando o início de um novo tempo, de progresso e desenvolvimento. No entanto, este marco histórico, sempre desconsiderou e excluiu a presença e a trajetória das etnias que habitaram a região por muitos anos, como é caso dos grupos indígenas e os caboclos.

Nesta perspectiva, considerando a inegável influência da imprensa e sua capacidade de formação de opinião em seu tempo, indaga-se: qual imagem do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST divulgava-se na segunda metade da década de 1980 no oeste de Santa Catarina, através do Jornal Diário da Manhã? Como era noticiada a atuação do movimento em seus primeiros anos de mobilizações e ocupações?

## **Imprensa e Representação**

A imprensa é um espaço permeado de representações, lugar de ideias, de poder, e conseqüentemente de lutas<sup>5</sup> entre visões de mundos diferentes.

O jornal, ou o jornalista, escreve a partir de suas experiências, de seu grupo, bem como da instituição na qual representa. Isso não está escrito na notícia, no relato sobre o fato, mas é sempre parte do olhar daquele que descreve a “realidade”. É neste sentido que entra o papel do historiador em saber identificar e problematizar os dados encontrados que devem ser tomados como leituras da realidade realizadas a partir de determinados referenciais e articuladas a determinadas estratégias.

Para Carvalho<sup>6</sup> “As representações não se opõem ao real; elas se constituem através de várias determinações sociais para, em seguida, tornarem-se matrizes de classificação e ordenação do próprio mundo social, do próprio real”. Portanto, as representações por mais que nos levem a pensar e analisar contextos imaginários, se realizam na prática, e é isso que permite que elas existam e se reelaborem ao passar do tempo.

A imprensa cumpre o seu papel em levar à sociedade, a informação, a “realidade”, a “verdade sobre os fatos”. Para a pesquisa, este é um bom ponto de partida, perceber como a imprensa representa suas visões de mundo sobre os diferentes fatos acontecidos na sociedade, indo além da

---

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 244 p. Chartier neste trabalho aponta que as lutas de representações, são a tentativa de se impor ao outro ou ao mesmo grupo uma determinada concepção de mundo social. Para ele, estes conflitos são tão importantes quanto as lutas econômicas.

<sup>6</sup> CARVALHO. Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. In: **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005, p. 152. Disponível em: <http://www.sc.senac.br/biblioteca/arquivosSGC/CHARTIER%20E%20BORDIEU.pdf> (Acesso em 25/07/2013).

simples narrativa do acontecimento, buscando, como em muitos casos, apenas legitimar um dado já encontrado em outras fontes.

O jornal possui toda uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade os jornais constituem-se em verdadeiros “arquivos do cotidiano”, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo<sup>7</sup>

Woitovicz<sup>8</sup> considera o jornal como algo mais que um registro de acontecimentos, pois ele atua nesta sociedade que relata, e participa na narrativa histórica.

As representações presentes na imprensa também indicam uma tentativa de expressar a realidade, sob diferentes formas e olhares, não podendo o historiador, entender a notícia como um retrato transparente daquilo que aconteceu. “Neste sentido, salienta-se a importância do questionamento do conteúdo publicado, bem como o posicionamento tanto do escritor dos artigos dos periódicos quanto do próprio leitor, que recebe as mensagens”<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> ESPIG (1998) Apud BECKER, Gisele; MARTINS, Rodrigo Perla. A imprensa e a construção da memória: a representação do Ensino Superior no Vale dos Sinos (RS) no jornalismo local (1969-1985). In: **UNirevista** – Vol. 1, n° 3, p. 02, julho 2006. Disponível em: [http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNirev\\_Becker.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNirev_Becker.PDF) . Acesso em: 15/01/2013

<sup>8</sup> WOITOWICZ, Karina Janz. Imagens dos sertanejos da guerra do contestado nas páginas da imprensa: Nuances da produção de sentido nos discursos jornalísticos do Diário da Tarde (Curitiba/PR, 1912-1916). In: **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4428/1/NP2WOITOWICZ.pdf>

<sup>9</sup> BECKER; MARTINS. A imprensa e a construção da memória: a representação do Ensino Superior no Vale dos Sinos (RS) no jornalismo local (1969-1985). Op.cit. p. 02

É neste contexto, que a imprensa passa a ser entendida como um espaço de representação o que nos leva a perceber que sua postura, sua opinião, são práticas sociais de seu tempo e espaço.

Os temas debatidos nos jornais não existem somente na linguagem escrita, mas sim se reproduzem de formas verbais e gestuais do cotidiano, isto é se articulam a outras formas de discurso. Às vezes tornam-se verdades e criam opiniões mais variadas a favor ou contra determinado aspecto. Desta forma, aquilo que envolve o indivíduo em seu espaço, o pensar, o construir, o realizar, são de uma forma ou de outra, conseqüências de estruturas já pensadas/imaginadas.

Para Woitovicz, o jornal veicula notícias que dizem respeito a um contexto social já partilhado, por meio de um trabalho simbólico, cria imagens de determinados atores, contribuindo para a formação de consensos.

Importante também destacar que, na imprensa, por mais que exista uma “pressão”, para a formação de consensos sobre a realidade, ela nunca consegue em sua totalidade o objetivo proposto, uma vez que a sociedade ao receber o montante de informações, também a processa de maneira distinta, levando em conta sua bagagem social/cultural. Isto é, refletir sobre a imprensa nos leva a pensar não somente sobre as ações e intenções dos periódicos, mas, igualmente sobre as apropriações realizadas pelos leitores.

O diálogo de Marin com de Certeau, mediado por Chartier, permite delinear uma tensão fundamental que permeia as representações coletivas: entre as modalidades do fazer crer e as formas de crença [...] Assim, existem modalidades do fazer crer, procedimentos e dispositivos, discursivos ou formais, que objetivam coagir o leitor, sujeitá-lo, convencê-lo; por outro lado, existem formas de crença, variações possíveis diante dos mecanismos persuasivos, consensos, rebeldias. Daí que a imposição de uma representação não significa a aceitação unívoca dessa representação: pode existir pluralidade de leituras<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> CARVALHO. Op. Cit. p. 152.

Existe assim discordâncias entre a visão de mundo proposta pela imprensa e o sentido construído pelos leitores e a comunidade no qual está inserida. É possível neste campo perceber como existe a tentativa de persuadir através das forças de representação, e ao mesmo tempo a força contrária, revelando a distância entre o pretendido e aquilo que não se consegue desestruturar.

### **MST no oeste catarinense**

A luta pela terra é parte constituinte da formação do que hoje conhecemos como oeste catarinense. A história desta região está marcada pelas disputas entre os diferentes grupos que nela se estabeleceram e buscaram através da terra sua reprodução social, manutenção de suas práticas culturais, sejam grupos indígenas, caboclos, fazendeiros ou os descendentes europeus.

No oeste catarinense, a década de 1980 – principalmente a segunda metade – é permeada por conflitos sociais envolvendo a questão da terra. O MST é um dos movimentos sociais que fazem parte deste cenário, organizando várias manifestações e principalmente ocupações de terra, reivindicando um espaço para plantar e sobreviver.

No oeste, assim como em outros espaços do sul do país, o processo de formação de vários movimentos sociais estão diretamente relacionadas à questão da terra e, sobretudo ao processo de desenvolvimento econômico do período da Ditadura militar brasileira.

Nas últimas décadas, sobretudo a partir de 1970, a modernização promovida na produção agrícola, com crescente participação de grandes grupos econômicos, tanto na produção direta no campo quando, de forma indireta, através de produção de máquinas, insumos e sementes, tem provocado uma tendência à concentração ainda maior da propriedade da terra.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> POLI, Odilon Luiz. **Leituras em movimentos sociais**. 2 ed. Rev. Chapecó: Argos 2008. p. 21.

Nas décadas de 1970 e 1980, o oeste catarinense passou por profundas transformações econômicas, sociais e políticas principalmente no campo. Para Poli<sup>12</sup>

O avanço do processo de industrialização baseado na agroindústria, e a crescente submissão da pequena propriedade a sua lógica, juntamente com o esgotamento da fronteira agrícola, determinaram uma profunda crise na produção camponesa tradicional, que caracterizava predominantemente a região.

As lutas no campo, principalmente a partir dos anos 70, tiveram um novo papel dentro da construção do Estado e o processo de redemocratização que o país vivia naquele período.

Esse período de mobilizações e de construção de uma identidade coletiva aglutinando os agricultores pobres representou a inscrição das demandas e reivindicações desses grupos sociais rurais na esfera mais ampla das políticas públicas, novas relações foram estabelecidas com o poder público, cobrando o reconhecimento de direitos e de participação.<sup>13</sup>

No oeste catarinense, os indivíduos que iniciam as mobilizações, são uma parcela importante e considerável de pequenos agricultores, que em um determinado momento tiveram sua estrutura, seu modo de vida e de subsistência profundamente alterados pela lógica de mercado e, um modelo de desenvolvimento imposto pelas políticas econômicas nacionais advindas dos governos militares.

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 62.

<sup>13</sup> HARRES, Marluza Marques. Lutas e mediações políticas nos movimentos sociais rurais do rio grande do sul. In: **Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história**, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960) / Márcia Motta, Paulo Zarth (orgs.). – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009. p. 217.

As primeiras ocupações de terras no oeste catarinense aconteceram em grandes fazendas, nos municípios de Chapecó, Campo Erê, Abelardo Luz e São Miguel do Oeste. De acordo com Poli<sup>14</sup> as primeiras ocupações (Fazenda Burro Branco) deram conta de tornar público a problemática da terra, onde muitas pessoas não estavam fazendo parte do mesmo momento vivido por muitos. Alguns avanços vistos superficialmente pela população escondiam outros problemas, como o êxodo rural e a falta de terra para os filhos dos pequenos agricultores.

## **O MST no Jornal Diário da Manhã**

O Jornal Diário da Manhã<sup>15</sup>, na segunda metade da década de 1980, era um jornal impresso de alcance regional, produzido em Chapecó, e fez a cobertura dos fatos envolvendo o MST. Para obter informações mais precisas sobre como se deu a cobertura dos fatos, pesquisamos em 5 anos – 1985 -1989 – nos quais foram identificadas 127 notícias que citavam o MST.

A princípio parecia uma tarefa fácil perceber como se deu esta relação. Tendo em vista o cenário nacional, foram anos de intenso embate, entre a atuação do movimento na sociedade e os grandes meios de comunicação, que buscaram banalizar a luta pela terra e transformá-la prioritariamente em violência e ilegalidade.

Entretanto, na década de 1980, no oeste catarinense, um dos berços do MST, esta relação não se deu tão explícita através do jornal em questão.

Depois de um contato maior com as notícias sobre o MST publicadas no Jornal Diário da Manhã, fica evidente que, de um lado eram veiculados as notícias e informações sobre os acontecimentos envolvendo o MST, e de outro, as opiniões, estas presentes nos editoriais, escritas pelo diretor do jornal Dyogenes Pinto<sup>16</sup>. Nestes editoriais é perceptível um

---

<sup>14</sup> POLI. Op.cit.

<sup>15</sup> O jornal Diário da Manhã foi fundado na cidade de Passo Fundo-RS no ano de 1935. No ano de 1979, dentro de sua nova política de expansão proposta pelo seu novo diretor Dyogenes Auido Martins Pinto foi inaugurado uma nova sucursal em Chapecó-SC.

<sup>16</sup> Além de diretor, Dyogenes Pinto também foi advogado, jornalista, agricultor, professor secundário e universitário, funcionário do Banco do Brasil, empresário e membro do Lions. Faleceu em 1999.



posicionamento acerca da reforma agrária e os movimentos sociais do campo que estavam novamente em efervescência em meados da década de 1980.

Como foi possível chegar a esta constatação? Para isto, foi necessário quantificar e analisar todas as notícias encontradas sobre o período analisado. A partir dos dados encontrados, podemos observar que em quase todas as suas notícias não se verifica um posicionamento, das 127 notícias mapeadas e analisadas, apenas 17, emitem alguma opinião sobre a atuação do MST e estas sempre estão nos editoriais.

Mesmo sem emitir opiniões, o jornal não deixa de dar atenção ao contexto regional que envolvia o MST, dando às notícias um grande destaque em suas publicações. Foi possível observar que, entre 1985 e 1989, o MST apareceu 37 vezes como matérias de capa do Jornal Diário da Manhã, demonstrando também que era um dos assuntos de relevada importância para a região naquele momento.

Dos 60 meses analisados, apenas 7 não possuem notícias do MST, o que indica também que a atuação do movimento não era esporádica ou discreta. Por outro lado, o que se vê, é uma série de notícias que chamam o leitor, mas poucos falam e quase nunca dão voz aos protagonistas das mobilizações.

Ao analisar os textos, mesmo que se note que notícias sobre o MST ganhem destaque, estas não evidenciam um aprofundamento das questões envolvidas nos episódios. Dificilmente aparecem imagens, ou informações mais detalhadas retratando a situação dos acampados. O oeste enquanto território de luta pela terra, não chega a passar despercebido pelo Jornal, porém, existe a carência de uma notícia para além do episódio, do ato de ocupação e do protesto pelo protesto.

O jornal escolhe a quem dar a voz ou como noticiar um fato ocorrido; as notícias são superficiais, quase não apontam fontes do MST ouvidas, geralmente são pessoas ligadas ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, ou políticos da região querendo resolução da questão das “invasões”.

Mesmo com todos os acontecimentos, existem inúmeras notícias dando conta do número de famílias já assentadas, trazendo informações com teor mais positivo, demonstrando que o problema de certo modo estava sendo resolvido pelas autoridades competentes.

Se de um lado é imperceptível algum tipo de opinião ou um posicionamento mais claro nas notícias sobre o MST ou da reforma agrária, de outro, verificamos nos editoriais, exclusivamente naqueles escritos pelo diretor do jornal, um forte enfrentamento aos sem terras e sua prática de “invasão” de terras privadas e públicas.

Homens, mulheres e crianças, oriundos de cidades, ou zona rural, armam barracas cobertas de lona ou de plástico e nelas se instalam com alguns pertences rudimentares, sem nada mais, e ali permanecem por meses e mais meses sob o rigor do frio ou do calor, com chuva ou tempo bom, num amontoado humano deprimente, buscando sensibilizar o povo e as autoridades, forçando-os a providenciar na distribuição de alguns hectares de terras, para dali, dizem os interessados, buscarem sobreviver.<sup>17</sup>

Observamos que 1986 foi o ano em que mais se publicou notícias sobre o movimento no referido jornal. Podemos também perceber que justamente neste ano, encontramos o maior número de notícias que expressam um posicionamento referente à atuação e aos integrantes do movimento. Somente neste ano, foram 11 textos no editorial que emitem opiniões e afirmações contrárias ao MST.

São diversos textos nos editoriais de 1986, que criminalizam e condenam as invasões e os rumos da reforma agrária. Nos editoriais escritos pelo diretor do jornal, afirmava-se que a reforma agrária estava sendo influenciada por partidos considerados oportunistas e pelos movimentos sociais que queriam acabar com a propriedade privada. Nas palavras do editorial, a propriedade privada não poderia estar em risco, pois a mesma é um direito e uma questão primordial para uma nação democrática.

Muitas vezes temos nos manifestado a respeito do tema relativo a reforma agrária, cada vez mais em voga no

---

<sup>17</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 07/08/1986, p.04.

território brasileiro, fazendo apreciações de como ela deveria ser realizada, e em especial, a quem beneficiar.

O assunto voltou a ser a preocupação maior da Nação, uma vez que os movimentos visando fazê-la “a toque de caixa” cada dia crescem”.<sup>18</sup>

No editorial foram veiculadas 11 publicações durante o ano de 1986 com o título de “Reforma Agrária”. É justamente nesta série de textos, numerados do I ao XI, na qual identificamos as opiniões mais explícitas acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e uma tentativa de caracterização do movimento por parte do editorial. Se de um lado temos uma informação superficial, e que muitas vezes não dá a voz aos sem terras, de outro temos, a voz do jornal se manifestando através de seus editoriais. Enfim temos um posicionamento sobre os fatos daquele período.

A escrita do editorial é discreta, e só pode ser compreendida observando a composição da série de textos escritos durante várias publicações do jornal, que tinham como tema a reforma agrária. Os editoriais começam a tratar da reforma agrária de maneira sutil e informativa, buscando esclarecer sobre o assunto. Este era um tema polêmico naquele período, que tomava a pauta do governo, dos políticos e as capas dos jornais – principalmente do Diário da Manhã de Chapecó.

As primeiras manifestações sobre o tema apresentam-se como informações sobre a quantidade de terra no Brasil e seu processo de ocupação. “Temos muita terra arável, apta a produzir, por aproveitar”<sup>19</sup>. São também informações sobre o processo de Reforma Agrária que está acontecendo no Brasil e por fim, sua insatisfação com os rumos que a Reforma Agrária está tomando.

O editorial, em meio a sua insatisfação, cita com extrema preocupação a executiva nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT) que sugeriu em congresso que se acabe com a propriedade privada no campo.

---

<sup>18</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 19/07/1986, p. 04.

<sup>19</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 25/07/1986, p.04.

Trata-se de fato gravíssimo, pois propõe a abolição completa do direito a propriedade, inicialmente tendo o campo como pretexto, mas que – e disso ninguém se iluda – pretendem tais arautos, estender a todo e qualquer direito de propriedade seja imóvel rural, urbano, edificado, fábrica, comércio e outros bens exclusivos”.

[...] Não se trata de distribuir bens aos que não tem, mas, antes, de confiscar os bens de quem tem, igualando a todos por baixo, transformando-os todos em “sem terras” e em não-proprietários”.<sup>20</sup>

Em tom mais aberto o editorial já alertava “Quem tiver a infelicidade de ter a sua terra desapropriada pelo INCRA, para assentar “sem terra” pode contar com aborrecimento sem fim [...]”

Sobre a reforma agrária e a redistribuição de terra, especialmente para os sem terras, Dyogenes Pinto, trata como promessa demagógica e associa os sem terras a interesses políticos do momento.

“*Nova Invasão*”. Informava Dyogenes Pinto em seu editorial do dia 07/11/1985.

Uma das maiores promessas demagógicas dos últimos tempos foi a de doar terra, para quem não a tem, para os “sem terras”.

Os acampados tem carência de água, alimentação e acomodação. Quem mais vai sofrer são as famílias e as crianças, que compõem o séquito das vítimas da demagogia, e talvez, da subversão programada”.<sup>21</sup>

“*Mais Invasões*”, agora, em 28/10/1987 o editorial<sup>22</sup> informava a seus leitores, advertendo que “São invasões que estão acontecendo, gerando

---

<sup>20</sup> Ibidem, 19/07/1986, p.04.

<sup>21</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 07/11/1985, p.04.

<sup>22</sup> Neste artigo, quando falamos em editorial, estamos sempre fazendo referência aos editoriais escritos pelo diretor do jornal, Dyogenes Aulio Martins Pinto.

violência e discórdia, trazendo o desentendimento, o desassossego, a intranquilidade generalizada”.

Em outro momento associa novamente a interesses políticos bem como ao período de eleições. “A demagogia barata que impera na boca dos políticos irresponsáveis, que andam a busca de votos a qualquer preço, estimula o movimento reivindicatório, esquecendo-se dos novos injustiçados”<sup>23</sup>

Também é evidente um constante ataque aos partidos e associações que apoiam os movimentos sociais do campo, bem como o apoio da igreja aos movimentos. Sobre este tema, também encontramos uma notícia na capa do dia 29/07/1986, com o título “*João Linhares denuncia: invasão de terras é patrocinada pelo PT e pela CUT*”. De acordo com o jornal Linhares era candidato do PMDB à Constituinte e estava em visita ao oeste catarinense. Neste dia o jornal noticiava que “Linhares confirmou que em todo o país, a imprensa está noticiando esse fato de grandes invasões de terras que vem acontecendo em todo o oeste de Santa Catarina, e isso só vem acontecendo segundo ele, segundo inspiração da CUT e do PT”<sup>24</sup>

Nos editoriais, os trabalhadores sem terra, são apresentados como pessoas manipuladas e denunciam que a igreja também está ajudando a disseminar uma ideia de que a propriedade privada é um crime, um pecado.

Destaca-se que em meio aos chamados por ele de “agrupamentos de sem terras” encontram-se infiltrados “os comunistas, os totalitários, seja sob a sigla do PCB, do PCdoB, do PCR, do PT ou outras camufladas”<sup>25</sup>.

Para tais tipos, toda e qualquer propriedade se afigura como criminoso e, infelizmente, para uma grande parcela do clero marxista, pecaminoso. Em razão disso, os proprietários-criminosos, os proprietários-pecadores precisam ser punidos, expropriando deles aquilo que possuem.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> Ibidem, 14/08/1986, p. 04.

<sup>24</sup> Ibidem, 29/07/1986, capa.

<sup>25</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 23/07/1986, p. 04.

<sup>26</sup> Ibidem.

O chamado “clero marxista”, mencionado na citação acima, pode ser entendido como uma crítica por parte do editorial à Igreja Católica, e em especial à Diocese de Chapecó, na figura do Bispo Dom José Gomes. O Bispo apoiava a organização e atuação dos movimentos sociais da região contribuindo com a luta dos indígenas, dos agricultores sem terra e dos agricultores atingidos pelas barragens.

Reforçando esta crítica contra a atuação da igreja, também encontramos notícia de 1985 questionando a postura de Dom José Gomes. O Sindicato Rural emite nota, dizendo que tinha provas sobre invasões, afirmando também que o bispo estava fomentando a desordem e a transgressão da lei na região.

Associados estranham, o comportamento de homem que tem como tarefa doutrinar pelo evangelho, a paz e o aprimoramento do espírito humano, estejam fomentando a revolta de classes, instigando empregado contra patrão, filho contra o pai, num ato claramente subversivo, ideológico e revolucionário, com a finalidade única de desestabilizar o regime democrático que vivemos”.<sup>27</sup>

Questionando os grupos que estão “infiltrados” em meio aos sem terras, o editorial destaca,

Como é fácil dizer: “deve-se dar terras, aos sem terras”. Demagogia barata, principalmente nessa época pré-eleitoral quando grande número de candidatos irresponsáveis estão a fomentar movimentos reivindicatórios que visam transformar o governo em “pai dos pobres”.

Tal bandeira vem sendo pregada pelos arautos do socialismo e do comunismo, pelos extremistas de esquerda que desejam, bem antes de atender as justas reivindicações do povo e objeto da ação

---

<sup>27</sup> Ibidem, 11/12/1985.

governamental, tumultuar, criando as condições do estopim social, forjando a situação do quanto pior melhor, para, então, agirem no denominado momento propício, para assomarem no poder, seja conquistando-o, pelo voto, seja tomando-o a força, como já ocorreu em muitas outras nações”.<sup>28</sup>

Ainda, na visão do editorial,

O de que se estranha e muito, é que os insufladores, os organizadores desse movimento, [...] não sejam identificados, nem tenham seus nomes divulgados, até para receber aplausos pelas suas estratégias para montagem e perfeita execução do plano.<sup>29</sup>

Especificamente sobre os integrantes do MST, afirma, “Mais tarde, porém, os incautos, aqueles que hoje fazem passeatas, que apoiam as ideias de “repartição dos bens”, terão que concluir, tristemente, que desejavam uma coisa, mas resultou noutra, que, efetivamente, não lhe interessa”.<sup>30</sup>

Em diversos momentos de seus escritos, o que se percebe é que para ele, as pessoas que estão envolvidas nos movimentos sociais e nas chamadas “invasões”, são em suma, massa de manobra resultante de interesses de grupos políticos. “Quantos inocentes já morreram, e quanto tempo perderam por terem sido instrumentos, mais do movimento de agitação do que de reivindicação?”<sup>31</sup>

Em suas afirmativas expõe aos leitores que “Nos grupos tem gente de todas as procedências e de todas as origens que obedecem cegamente a um comando central que tudo organiza e tudo prevê”. (Idem) “Estrategicamente procuram acender pequenas fogueiras com essas invasões de terras para depois transformá-las num grande incêndio jogando todos na anarquia e na agitação [...]” (Jornal Diário da Manhã, 29/07/1986, capa).

---

<sup>28</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 23/07/1986, p. 04.

<sup>29</sup> Ibidem, 24/07/1986, p. 04.

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 24/07/1986, p. 04.

Para o editorial as ocupações do MST são operações de guerra e isso deve ser motivo de atenção do exército.

O mais importante disso tudo – e que vem chamando atenção de muita gente é que não se evidenciou qualquer “vazamento de informação” mesmo em se tratando da manipulação de gente quase sem instrução, humilde, até mesmo crianças. Nenhum órgão de informação [...] detectou qualquer indício de sua eclosão.

A história não registra operação de guerra com tal rigorismo e perfeição. Editorial <sup>32</sup>

Numa análise mais apurada o que podemos observar com relação às últimas afirmações do editorial citadas aqui é que, nas entrelinhas destas, as ações dos Trabalhadores Rurais Sem Terra estão sendo abordadas como fruto de uma organização de cunho criminoso, parecendo que ainda estão no período da ditadura militar brasileira, onde existem os “subversivos a ordem” e que certamente são “comunistas” e “terroristas”.

Chama também a atenção a perplexidade do editorial, em não entender como “gente quase sem instrução” consegue executar ações com tamanha perfeição

Para ele – o editorial – existem muitas pessoas estimulando as pessoas pobres e desempregadas a reivindicar por terras. “Nada melhor, então, do que aliciar interessados a incorporar-se no chamado exército do sem terra, procurando engrossá-lo de qualquer forma e como quer que seja” <sup>33</sup>.

Ainda em 1986, nos editoriais V e VI, é feita a mesma pergunta inicial “Onde fazer a reforma agrária?”.

Nestes, lançam informações sobre o território brasileiro, o processo de colonização do Rio Grande do Sul, a escassez de terras no sul. Também citam a busca de novas terras em outros estados por parte dos agricultores

---

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 07/08/1986, p. 04



do sul, bem como faz, certo elogio aos que, com vontade de cultivar e produzir – descendentes de europeus, colonos do RS – buscam novos espaços para progredir.

No entanto, o que se pode observar nestes editoriais é uma tentativa de legitimar que, não é preciso fazer reforma agrária no oeste e no sul, mas sim colocar os agricultores em áreas que ainda nos anos 1980 encontram-se despovoadas, e que possuem muita terra produtiva. Assim como os agricultores do sul fizeram, é preciso novamente se fazer, buscar novas frentes e não desestabilizar o que já está consolidado, na visão do editorial.

O editorial em alguns momentos, também expõe um certo discurso de merecimento de terras advindas da Reforma Agrária, de certo modo desqualificando, aqueles que na época estavam protestando e requerendo a terra para plantar.

A reforma agrária é necessária e muito importante. Não porém a mera doação de terras a todos os que não têm, a todos os que vêm sendo arrebanhados para formar os grupos invasores de propriedades, previamente escolhidos, por razões as mais diversas”.<sup>34</sup>

Em geral a ideia que se apresenta é de pessoas pouco instruídas, usadas e comandadas por outras pessoas, e que na verdade nem sempre são “agricultores com experiência comprovada”, e sim pessoas que querem apenas conseguir um pedaço de terra.

Depois dos Engenheiros Agrônomos, dos técnicos agrícolas, dos agricultores com experiência comprovada, deveria vir em quarto lugar, como beneficiário de uma verdadeira reforma agrária, os filhos de agricultores com experiência também comprovada na lavoura, bem assim, todos os agricultores agrícolas que tenham demonstrado capacidade e interesse.

---

<sup>34</sup> Ibidem, 24/07/1986, p. 04.

Também é fundamental que se diga que para uma verdadeira reforma agrária, necessário se faz, descartar do plano a mera agricultura de subsistência, aquela que mantém seu titular num estado de pobreza [...]”<sup>35</sup>

Nesses editoriais sutilmente foram lançadas as bases que fundamentam a crítica publicada no editorial de 29/07/1986, onde se critica duramente o lema “queremos terra aqui”, utilizado pelos agricultores sem terras para dizer que querem terras na sua própria região.

No editorial comenta-se:

De uns anos pra cá, o movimento dos chamados “agricultores sem terra” passou a ter um novo enfoque: ninguém mais concordou em sair do Estado em que se encontra, ninguém mais concordou em seguir para o Mato Grosso ou Goiás, ou onde quer que seja.<sup>36</sup>

Criticando e desqualificando a recusa dos agricultores em habitar outros lugares do Brasil - mesmo tendo, casa, escola, eletrificação, estradas, assistência médica - e requerer terras em sua região, o editorial usa a seguinte fala: “Disse-me um contemplado que retornou de uma colonização de Goiás que não gostou e retornava, pois a bodega distava quatro quilômetros de sua gleba, e não havia ônibus da cidade para lá chegar mais fácil.”<sup>37</sup>

Em um dos editoriais, lança-se a pergunta: “Quem deverá ser beneficiário da Reforma Agrária?” Depois dele expor suas opiniões sobre “onde fazer” reforma agrária, agora ele entra na questão de para quem a terra deve ser entregue.

[...] a entrega da terra não deverá ser feita indiscriminadamente para quem seja “sem terra”, pois a

---

<sup>35</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 05/08/1986, p. 04.

<sup>36</sup> Ibidem, 29/07/1986, p. 04

<sup>37</sup> Jornal Diário da Manhã, Editorial, 03/06/1987, p. 04.

grande e expressiva maioria da população de um país [...] não é proprietária de terras, em especial de terra arável [...]<sup>38</sup>

Das 127 notícias analisadas, encontramos termos negativos sobre o MST, apenas nos editoriais, as opiniões emitidas pelo jornal sobre o movimento, estavam todas nos editoriais. O editorial nunca perde a oportunidade de caracterizar o MST e suas ações como uma transgressão à lei e a ordem. Abertamente defendendo a propriedade privada como um maior bem, condena toda e qualquer ação, considerando tudo como um ato de invasão.

Ainda, o que pode ser visto é também, o movimento colocado com uma ameaça a democracia e a paz, pois é comum a utilização da palavra insufladores, agitadores e extremistas, dando a entender que suas ações estão voltadas a discórdia, violência e sobretudo às “ditaduras comunistas”.

## **Considerações Finais**

A imagem do MST foi moldada pela sua atuação, pela sua resistência ao modelo de exclusão praticado pelo capitalismo, mas, principalmente, pela representação que os meios de comunicação – que fazem parte de uma elite econômica deste país – criaram sobre ele. Invasões, badernas, criminalidade parecem ser a imagem a ser construída, vendida, oferecida a esta sociedade.

Desde suas primeiras aparições o MST, já se colocou como um movimento a romper com algumas ideias, gerando polêmicas e insatisfações de grupos econômicos e políticos. “Qual o direito de quem não é proprietário de invadir, ou tomar o que não lhe pertence?”, Perguntava o editorial do jornal Diário da Manhã em Chapecó, já em 1987.

Os editoriais aqui analisados, em um primeiro momento, como não citavam o MST em seus títulos ficaram em segundo plano e alguns até passaram despercebidos, depois com uma análise mais minuciosa

---

<sup>38</sup> Ibidem, 07/08/1986, p. 04.

começamos a observar os assuntos que tinham relação com o MST, como é caso dos títulos sobre reforma agrária.

Chamou a atenção nos editoriais do jornal o constante enfrentamento aos movimentos sociais e a suas formas de atuação. Além de informar, o editorial buscava representar para os leitores o MST a partir de sua visão.

Foi através dos editoriais, escritos pelo diretor do jornal que conseguimos observar um posicionamento mais definido sobre o MST, através do uso de termos que buscavam também formar uma imagem sobre o MST e seus integrantes e simpatizantes.

Os editoriais usaram demasiadamente termos como insufladores, agitadores, invasores, grupos invasores, incautos, “tais tipos”, criminosos, extremistas de esquerda, totalitários etc.

Durante o período analisado, são essas as informações mais específicas sobre o MST, que chegam ao leitor que assina ou lê o jornal em alguma banca ou qualquer outro local da região.

Foi possível perceber que nas notícias ele buscou ser imparcial e levar apenas informações sobre os fatos, porém nos editoriais existia uma intenção de informar/formar uma opinião sobre as ações do MST, expressando um posicionamento altamente combatente sobre o movimento.

Apesar de o jornal tentar demonstrar uma imparcialidade, os dados encontrados apontaram para outro caminho, assemelhando-se também a constatações de outras pesquisas sobre a relação da imprensa com o MST.

Assim, a imagem do MST que se constrói, e estimula-se a construir, no período analisado é carregada de estereótipos, no qual o movimento é julgado, justamente pelos representantes de um grupo que está numa constante luta econômica, política, e, por fim simbólica, com o MST.

*Artigo enviado em julho de 2013; aprovado em novembro de 2013.*